

Notícia de um seqüestro: O regresso do jornalista Gabriel García Márquez

Ana Carolina Silva J. Bessa

Orientação: Prof. Dr. João Maia

Graduanda do curso de Comunicação Social da UERJ

O jornalismo vem perdendo seu caráter de contestação, seu valor de reflexão social e tornando-se burocrático e oficioso. Os profissionais da imprensa esqueceram a vontade de buscar a fundo as versões de todos os lados e se contentam cada vez mais com matérias prontas, produzidas pelas assessorias de comunicação, como já vinha mostrando Alberto Dines, em *O Papel do Jornal*. (1974, p.86)

O escritor colombiano Gabriel García Márquez também comentou sobre o desaparecimento da reportagem que “era a única frente possível de combate contra a televisão e o rádio que o jornalismo possuía”, em uma entrevista ao *Jornal Folha de São Paulo* (Junges, 1996, p.9). Desta forma, é interessante verificar que esse é um tema de preocupação dos profissionais mais experientes.

A literatura também serve de ponto de inspiração para as reportagens. Uma boa narrativa prende a atenção do leitor e transmite o fato com a mesma eficácia e objetividade que deve apresentar o bom jornalismo.

Para mostrar um pouco da ligação entre os gêneros jornalístico e literário estudamos a obra de Gabriel García Márquez, em especial *Notícia de um seqüestro*, seu livro mais recente, que apresenta uma reportagem sobre a Colômbia, um cenário político de seqüestros de jornalistas e tráfico de drogas.

123

JORNALISMO E LITERATURA

O jornalismo e a literatura sempre estiveram próximos, o que torna difícil definir se são gêneros semelhantes, opostos ou complementares. Quando surgiu, o jornalismo foi qualificado como um gênero apressado, impreciso e incorreto, sem cuidado com a forma ou conteúdo, segundo afirma Luiz Amaral, em *Técnica de Jornal e Periódico*. Portanto, jamais poderia ser confundido com a literatura, enquadrada no âmbito das artes. Hoje, o jornalismo pode ser classificado como “claro, correto, conciso, sem nenhum gasto supérfluo de palavras.” (Amaral, 1969, p.56)

De um instrumento de comunicação sem muita importância nos grandes jornais, a crônica converteu-se em gênero literário, “se enriqueceu com essa nova função e se tornou elemento importante, porque retira da informação a sua carga massificadora.” (Portella, 1973, p.154)

A reportagem rompeu os seus limites espaciais, saindo das revistas de informação, para compor verdadeiras obras literárias. Isso acontece quando a história se mantém no foco do público e vai apresentando desdobramentos que conduzem à forma de livros. Um exemplo recente é *Rota 66*, de Caco Barcellos, trazendo investigações sobre a polícia que utiliza métodos violentos para reprimir o crime. Já se tornou comum também, o trabalho feito para livros, que é concebido e realizado em termos jornalísticos. Nesse caso, podemos citar *Cidade Partida*, de Zuenir Ventura, que apresenta o cotidiano da favela de Vigário Geral após um massacre por policiais militares, em 28 de agosto de 1993.

Antônio Olinto, em *Jornalismo e Literatura*, afirma que a prática de se mesclar os gêneros é antiga. Segundo ele, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, é o primeiro livro-reportagem brasileiro. Vai ainda mais longe quando aponta Homero como o primeiro repórter de que se tem notícia.

GÊNERO JORNALÍSTICO E GÊNERO LITERÁRIO

O gênero literário é definido por Alceu de Amoroso Lima como “um tipo de construção estética determinada por um conjunto de disposições interiores em que se distribuem as obras segundo as suas afinidades intrínsecas e extrínsecas” (1969, p.18).

A classificação do que é literatura a diferencia de outras formas de expressão verbal como a matemática, filosofia ou história, na medida em que as últimas se utilizam da palavra como um fio condutor da comunicação, a linguagem literária já por si é um meio (o verbo) transformado em fim (o estilo).

O gênero jornalístico em forma de reportagem antes de tudo é uma arte verbal, utilizada para transmitir os acontecimentos, enquanto ocorrência, ação e fato. Trata-se da maneira de apresentar a realidade de forma objetiva, concisa, transparente. Para isso, possui uma linguagem própria para dar vida à essa forma.

O jornalismo, por possuir a pressão do tempo e do espaço e por se propor a processar informação em escala industrial e para consumo imediato, reduz as variáveis formais, mais radicalmente que na literatura. A linguagem jornalística estabelece um modelo próprio, que está entre o formal, apresentado na modalidade escrita; e o coloquial, que compreende as expressões correntes na modalidade falada, na conversa familiar, entre amigos. A comunicação jornalística para se comprometer com a objetividade utiliza-se da terceira pessoa do singular, onde o repórter passa a ser apenas, o observador do fato. O gênero jornalístico tem também a finalidade moral de informar e formar a opinião pública. Ele tem um caráter social de esclarecer os fatos, apresentando os vários lados da questão, e despertar uma natureza crítica no seu leitor.

Se tivermos em mente o conto, que se distingue por ser menos longo que o romance e a novela dentro da narrativa literária; e a reportagem que é a forma jornalística mais longa, os dois se assemelham. Segundo Muniz Sodré, em *Técnica de Reportagem*, pode-se dizer que a reportagem é o conto jornalístico, por tratar-se de um modo especial de personificar a informação ou aquilo que desperta interesse humano. O jornal diário, a revista ou o próprio livro-reportagem ampliam a cobertura de um fato, assunto ou personalidade, apresentando mais intensidade que a notícia propriamente dita.

A maior aproximação é encontrada no livro-reportagem que traz a união dos dois gêneros. Acontece quando o assunto transcende as páginas dos jornais e se mantém no interesse do público e é quase certo virar uma reportagem-

novela. Então reproduz-se a mesma fórmula do folhetim, o predecessor do romance. Alguns exemplos são as reportagens publicadas em Textos do Caribe I e II, de Gabriel García Márquez, de 1948 a 1956 nos jornais El Heraldo, El Universal, El Nacional e El Espectador.

O jornalismo se distancia da literatura quando falamos da notícia. Porque esta não narra os acontecimentos e sim os anuncia. “É um relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”, afirma Nilson Lage em Estrutura da Notícia (1993, p.16)

A narrativa é um gênero literário de tradição assentada no épico e sua espinha dorsal está na organização dos eventos em seqüência, de modo que o primeiro antecede o segundo, o segundo o terceiro, e assim por diante: são registrados na mesma forma em que teriam ocorrido, no tempo.

Já a notícia ordena os eventos em seqüência de interesse ou importância decrescente, na perspectiva de quem conta e supostamente, na perspectiva de quem lê/ouve. Além disso, a importância de cada evento será dada em função do relatado anteriormente.

Ao mesmo tempo, por limitar o código, a notícia reduz a abrangência de tratamento do fato. Enquanto na reportagem e mais ainda no texto literário, é possível se ter uma perfeita dimensão de um acontecimento, da aparência de uma pessoa ou objeto pela descrição, a notícia trata superficialmente e não permite que se passeie pelo campo das subjetividades. O uso da terceira pessoa é uma forma de cercear essa linguagem, porque o redator é apenas um transmissor do que presenciou e não alguém que está ali para interpretar e tirar suas próprias conclusões.

Diante disso, constata-se que a reportagem é o ponto de aproximação entre jornalismo e literatura de tal forma, que alguns fatos podem se transformar em obras literárias unindo os dois gêneros. Pode-se ainda perceber a diferença entre eles quando se fala na notícia, campo em que o jornalismo adquire uma técnica distinta do campo da narrativa.

A OBRA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

O início como jornalista

Gabriel García Márquez iniciou sua carreira jornalística quando tinha 20 anos, em 1948, no jornal El Universal. O trabalho se resumia em redigir notas na seção “Comentários” da página editorial e sua colaboração durou até o final de 1949, com a publicação de apenas 38 notas, identificadas com as iniciais GGM.

Em dezembro do mesmo ano partiu para Barranquilla, outra cidade da costa, maior que Cartagena e mais industrializada. Nessa localidade conheceu um grupo de intelectuais que tiveram forte influência na sua carreira

jornalística e literária e passaram a ser figuras marcantes da literatura latino-americana, como confirma Plínio Apoleyo Mendoza, em Cheiro de Goiaba:

Aquele grupo de farristas desmedidos, picados pela literatura, que Gabriel encontrou em Barranquilla por volta dos anos 50, é hoje estudado muito seriamente nas universidades da Europa e Estados Unidos, por especialistas da literatura latino-americana. Para eles, García Márquez surge dessa pitoresca família literária, chamada ‘O Grupo de Barranquilla’. (Mendoza, 1982, p.48)

O período mais intenso de sua colaboração no diário de Barranquilla foi na coluna de “La jirafa”, que escrevia geralmente em tom humorístico e cuidava de falar de assuntos cotidianos.

Em 1954, Gabriel García Márquez foi para Bogotá e começa a trabalhar como redator no El Espectador, um dos mais importantes jornais colombianos. Daí o jornalista percorreu para outros dois rumos: a crítica de cinema e a reportagem. Gabriel escrevia matérias seriadas ou isoladas e conseguia prolongar temas que aprofundavam aspectos humanos. Como diz Jacques Gillard no prólogo de Textos do Caribe I, “está claro que a prática da reportagem serviu para García Márquez como uma forma de preparação anterior à redação de obras literárias, mas é de uma ampla evolução.” (p.51)

A característica principal de Gabriel em suas reportagens heterogêneas era a de narrar bem através da apuração e reconstituição de fatos. “Ao tratar de revelar a realidade, tal como ela é, essas reportagens chegam ao ponto de transformá-la”, explica Gillard (p.53), o que fez com que seu dever de apuração superasse a curiosidade natural do jornalista e instigasse a natureza criadora do escritor.

Nessa etapa inicial no jornalismo, o contato com o grupo de Barranquilla e a influência da escola poética colombiana do Piedra y Cielo, que seguiam as poesias de Rubem Darío, Juan Ramón Jiménez e Pablo Neruda, foram essenciais para desenvolver o estilo que apresentou como jornalista, ressaltando aspectos humanos e regionais e o levou para a literatura. “Se não fosse por causa do Piedra y Cielo, não estou certo de que teria me transformado em escritor”, afirmou García Márquez (Mendoza, 1982, p.45).

O Realismo Fantástico do escritor

Gabriel García Márquez sempre teve seu lado escritor. O primeiro livro foi concebido na época em que trabalhava em El Heraldo. Aos 22 anos, escreveu La Hojarasca (O enterro do diabo). Apesar de ter a sua publicação recusada, García Márquez continuou a desenvolver sua narrativa.

Suas histórias tiveram forte influência do convívio com o avô, o coronel Nicolás Ricardo Márquez Mejía, com quem Gabriel viveu até os oito anos, na cidade de Aracataca, na Colômbia. A participação do coronel na Guerra Civil dos Mil Dias e os episódios dessa época contados a García Márquez também são pontos de inspiração para suas narrativas. Entretanto, o fator mais marcante está na própria localidade onde passam as histórias. A Macondo criada por

ele: quente, poeirenta, com pedras pré-históricas e um rio, é a própria cidade onde nasceu, Aracataca.

Outra forte lembrança que deu inspiração às histórias foi o aparecimento da Companhia Bananeira United Fruit em Aracataca, em 1910. Ela é apresentada em Cem Anos de Solidão, em La hojarasca (O enterro do diabo) e em Os Funerais de Mamãe Grande. A greve narrada em Cem Anos de Solidão é um fato histórico. A rebelião e o massacre dos trabalhadores da Companhia Bananeira ocorreu em 1928, em Santa Marta, cidade vizinha de Aracataca.

A personalidade do tirano de O outono do patriarca é inspirado em diversos ditadores da América Latina. Misturando recordações antigas, imagens marcantes, fatos extraordinários e recursos jornalísticos, Gabriel García Márquez desenvolveu narrativas dentro do que se chama de Realismo Fantástico ou Realismo Mágico.

Trata-se de um estilo próprio trazido pelos escritores latino-americanos nos anos 20, que tiveram contato com o surrealismo europeu e aprimoraram uma maneira de escrever baseada em fatos próprios da América Latina.

O escritor jornalista

127

Rompendo com o ciclo narrativo de Macondo após a publicação de Cem Anos de Solidão, em 1970, Gabriel García Márquez tentou através da reconstrução jornalística contar a história de um marinheiro colombiano chamado Luis Alejandro Velasco. Foi publicada em El espectador durante quatorze dias consecutivos nos meses de março-abril de 1955 e depois passou a ser um livro independente em 1970, chamado Relato de um Náufrago.

Em 1981 lançou Crônica de uma morte anunciada, que segundo o próprio autor, demorou trinta anos para ser escrita. “Quando aconteceram os fatos, em 1951, não me interessavam como material de romance e sim como reportagem” (Mendoza, 1982, p.30). Na verdade, o livro é uma novela policial ao contrário: a falsa história de um crime verdadeiro.

Em 1986 fica encantado com os relatos de Miguel Littín, um cineasta chileno, que fez um filme quando era clandestino em seu próprio país e escreveu Aventura de Miguel Littín clandestino no Chile. García Márquez utilizou o método jornalístico e fez uma entrevista de uma semana, com gravação de dezoito horas com o cineasta.

Entretanto a grande obra do autor no âmbito do livro-reportagem foi concebida dez anos depois, em 1996, com a publicação de Notícia de um Seqüestro. Partindo do seqüestro de sua amiga pessoal, a jornalista Maruja Pachón e de mais nove seqüestros, de autoria dos membros do cartel de Medellín, ocorridos em 1993 na Colômbia.

Notícia de um seqüestro: A realidade mais fantástica

“...quero fazer outra coisa: reportagens noveladas. Um pouco do modo como tem feito Truman Capote, mas como dizer? Menos preparado e sem preocupações em impressionar?”

Esta declaração foi dada por Gabriel García Márquez há 26 anos, em uma entrevista concedida ao jornalista González Bermejo, da revista *Triunfo*. Em 1996 ele conseguiu finalizar o trabalho que resumia exatamente o desejo de escrever uma grande reportagem: *Notícia de um seqüestro*.

Notícia de um seqüestro é um regresso às suas origens como repórter, na medida em que relata de forma fiel e minuciosa o seqüestro de dez jornalistas na Colômbia. Vai ainda mais longe, quando através desses acontecimentos faz uma análise da situação do país mergulhado no caos político provocado pela influência do tráfico de drogas.

O eixo central da história é o seqüestro da jornalista Maruja Pachón de Villamizar, amiga pessoal de Gabriel, e então diretora da entidade estatal de cinema da Colômbia. O drama dos outros seqüestrados vai sendo desenvolvido no decorrer da história. O foco narrativo varia constantemente, às vezes acompanha o cotidiano dos cativos, outras as negociações dos parentes das vítimas com o governo e as repercussões do acontecimento na mídia.

Todos os seqüestros realizados pelos traficantes liderados por Pablo Escobar naquele mesmo período tinham uma única finalidade: forçar o governo a não extraditar para os Estados Unidos os líderes dos cartéis de drogas. Sabiam que lá fora enfrentariam penas duríssimas. Precisavam então conquistar o estatuto de presos políticos para serem julgados nessa condição, como aconteceu com o movimento revolucionário M-19.

Além de utilizar recursos do jornalismo como a entrevista e a pesquisa para apurar os fatos, Gabriel García Márquez escreveu o livro apresentando todas as características de uma reportagem. Esta, segundo Muniz Sodré, deve ter a predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. (Sodré, 1986, p.15)

O fator decisivo para *Notícia de um seqüestro* ser considerado um livro-reportagem na própria essência foi a apresentação de uma história que mantém o interesse do público, por mostrar o cotidiano colombiano do tráfico de drogas. Distintamente de *Relato de um Náufrago* e *Aventura de Miguel Littín clandestino no Chile* que são construídos apenas com o relato de um entrevistado, esse livro apresenta as informações a partir dos depoimentos de diversas fontes.

Comparado a outros livros-reportagens, *Notícia de um seqüestro* apresenta um amadurecimento maior sob a ótica de mesclar os gêneros jornalístico e literário. García Márquez traz à tona a visão dos fatos através de todas as partes envolvidas na trama.. Gabo relata a realidade dos seqüestrados, dos sentinelas

dos cativos, dos traficantes, de parentes, dos políticos, do presidente colombiano César Gaviria e de Pablo Escobar.

... o presidente considerava o caso como um grave problema de Estado com muito pouca margem para seus sentimentos pessoais. (1996, p.94).

Diana ficou sozinha consigo mesma quando liberaram Azucena. Via televisão, ouvia rádio, as vezes lia jornais, e com mais interesse que nunca, entretanto conhecer as notícias sem ter com quem comentá-las era pior que não sabê-las. (1996, p.134).

Os Extraditáveis disseram em um comunicado ameaçador que David Ricardo não havia sido morto em combate, sim baleado pela polícia diante de seus pequenos filhos e da esposa grávida. (1996, p.161)

Alberto Dines, em *O Papel do Jornal*, considera o jornalismo de qualidade aquele em que o engrandecimento da informação só acontece quando existe a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato e uma tendência e a sua projeção para o futuro (1974, p.86).

Essas características são apresentadas em *Notícia de um Sequestro* quando o autor coloca o cotidiano dos cativos dentro de um contexto ainda maior, a realidade política da Colômbia.

A obra apresenta diferentes pontos de vista, a preocupação em narrar um pouco de cada ambiente e apresentar aspectos políticos do país, ampliando a dimensão dos fatos e inserindo-os em um contexto maior. Esse enriquecimento de informações, com várias angulações, apresenta uma narrativa do gênero do jornalismo investigativo, segundo afirma Alberto Dines. (1974, p.86)

Tratando *Notícia de um sequestro* como uma reportagem investigativa, é possível encontrar trechos que exigiram um audacioso trabalho de apuração e cuidado em apresentar os fatos. Isto pode ser observado principalmente nos episódios das negociações do governo e das mediações do advogado de Pablo Escobar.

A sua fidelidade aos acontecimentos também pode ser comprovada pelos próprios envolvidos na história, como demonstra Juan Vitta, sequestrado no dia 28 de agosto de 1990: “García Márquez é honesto nas coisas que pensa politicamente e no livro ele é fiel ao que pensa. Ele quer a Colômbia e pessoalmente se comove com esse problema dos seqüestros...”. O jornalista acrescenta ainda que “é um livro de grande advertência nacional.” (Neira, 1997, p.3)

Conclusão

Tratar jornalismo e literatura de forma igual é sem dúvida um grande erro, mas desprezar um em detrimento do outro também pode implicar em uma maneira limitada de se enxergar a arte de escrever. Um jornalista aprende técnicas que devem ser seguidas para que o texto ganhe características objetivas

e informativas, mas alguns recursos da literatura podem servir para que sejam obtidas novas formas de expor algum acontecimento.

Mesmo depois de amadurecer seu texto escrito e experimentar escrever sobre realidade fantástica da América Latina, García Márquez mostra que o jornalismo o acompanhou a vida inteira. Apesar de ter se acostumado a escrever contos, o autor teve a humildade de buscar o tom essencialmente jornalístico.

A literatura pode contribuir para que o jornalismo seja mais rico de detalhes, o que deve ser feito com uma apuração minuciosa. O dever do jornalista de buscar os fatos não pode ser esquecido com o surgimento das assessorias de imprensa, que trazem textos já prontos. Ao contrário, deve ser estimulado com a criatividade, a curiosidade e a imaginação que qualquer escritor tem para construir suas narrativas. O jornalismo pode ensinar a literatura a se enriquecer com acontecimentos reais e históricos, assim como a literatura com suas técnicas pode elevar o jornalismo à obra de arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

DINES, Alberto. *O papel do jornal: tendências da comunicação e do jornalismo no mundo em crise*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel, *Textos do Caribe I e II*. Organização de Jacques Gillard. Rio de Janeiro: Record, 2 ed., 1981. Tradução de Joel da Silveira.

_____. *Noticia de un secuestro*. Madri: Mondadori, 1 ed., 1996.

LAGE, Nilson, *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 1993

LIMA, Alceu de Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

MENDOZA, Plínio Apuleyo. *Cheiro de Goiaba*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

NEIRA, Mariana. *Un personaje de García Márquez en Ecuador*. Equador: Vistazo. setembro de 1996. (<http://www3.vistazo.com.ec/sep1296/htm/gente1/htm>)

OLINTO, Antonio. *Jornalismo e literatura*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1954.

PORTELLA, Eduardo. *Teoria de Comunicação Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. *Técnicas de Reportagem: Notas sobre narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.